

CORREIO ECONÔMICO



Gasto médio dos filhos avançou R\$ 56 ante 2023

Receita do Dia das Mães deve superar em 21,7% à de 2023

O primeiro amor falou mais alto. Que o digam os lojistas, que devem faturar 21,7% mais na edição 2024 do Dia das Mães que na anterior. O percentual diz respeito ao gasto médio (ticket médio), de R\$ 314 do consumidor com presentes na data, considerada uma das três mais importantes para o comércio no ano e R\$ 56 maior do que o registrado em 2023.

Sinais positivos

Segundo o presidente da FCDL-SP, Maurício Stainoff, “temos mais de 244 mil empregos gerados somente em março, e um saldo acumulado de mais de 719 mil desde o início do ano. O mercado demonstra sinais positivos de recuperação pós-pandemia”.

Segundo a Confederação Nacional dos Dirigentes Lojistas Brasil e a Federação das Câmaras de Dirigentes Lojistas do Estado de São Paulo (FCDL-SP), deverão ser movimentados R\$ 8 bilhões com o evento. Cada comprador deverá adquirir dois presentes, sobretudo roupas, calçados e acessórios (42%), perfumes (41%), cosméticos (26%), chocolates (17%) e flores (15%).

Presente especial

Stainoff explica que, enquanto 35% dos ouvidos gastarão mais do que em 2023, sobretudo buscando presentes de maior qualidade (44%), ou compensando o aumento de preços (41%), 24% planejam gastar menos: por economia (25%) ou orçamento apertado (25%).



Oscilações cambiais e do petróleo influíram em recuo

Petrobras anuncia redução de 1,5% no preço do gás natural

Atualizações previstas em contrato e o efeito de novos produtos/contratos de venda de gás natural que tiveram início em janeiro deste ano. Com base nesses fatores, a Petrobras anunciou, na última sexta-feira (10), a redução, em 1,5%, do preço médio do metro cúbico de gás natural vendido às distribuidoras. O último ajuste

ocorreu em fevereiro. Com essa redução, a petroleira estima que o preço médio da commodity já acumula recuo de 25%, desde o início de 2023. Como explicação, a estatal acentua que os contratos com as distribuidoras incluem atualizações trimestrais da parcela do preço relacionada à molécula do gás.

Queda acumulada

Em comunicado ao mercado, a estatal destacou que “a depender dos contratos e volumes movimentados, as distribuidoras terão uma redução adicional de até 10% nos preços da molécula de gás, acumulando queda de 25% e potencial de atingir recuo de 35%”.

IPCA salta

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), pulou de 0,16%, em março, para 0,38% em abril último, com 1,8% acumulado no ano e 3,69% em 12 meses, acima do centro da meta de inflação, de 3%.

Competitividade

No que se refere aos consumidores livres, no mesmo comunicado, a petroleira adiantou que pretende “ofertar uma nova carteira de produtos de venda em condições mais customizadas e competitivas, de modo a intensificar a abertura de mercado, mais diversificado”.

Grupo Saúde

No ranking da carestia, o maior destaque coube ao grupo Saúde e cuidados pessoais, que avançou 1,16%, ‘puxado’ por itens como: produtos farmacêuticos (2,84%) que refletiu, por sua vez, o reajuste de até 4,5% nos preços dos medicamentos a partir de 31 de março.

Copom deverá aplicar mais três cortes de 0,25 p.p. à Selic

Previsão de economistas reflete ‘racha’ do comitê na última reunião

Por Marcello Sigwalt

O intitulado ‘racha’ protagonizado pelos membros do colegiado do Copom (Comitê de Política Monetária), associado à sinalização do Banco Central (BC), de que pretende adotar uma flexibilização monetária (leia-se, redução dos juros) mais acentuada, somente no ano que vem. Estes são os indícios mais evidentes de que os próximos três cortes da Selic (taxa básica de juros) não serão superiores a 0,25 ponto percentual (p.p.), a exemplo do aplicado na semana passada.

A expectativa forma consenso entre os economistas consultados (Bank of America, XP Investimentos e Itaú Unibanco) pelo Projeções Broadcast que, em sua maioria (85%) de que a última magnitude de corte da taxa será mantida no curto prazo.

Para o economista-chefe do Banco BMG, Flávio Serrano, até setembro, quando deverá estar concluído o processo de ‘afrouxamento’ monetário, os juros básicos poderão chegar ao



Perfil perdulário do Planalto adia corte dos juros para brasileiros

patamar de 9,75% ao ano.

Na sua avaliação, o cenário atual é marcado pelo desequilíbrio, que favorece uma Selic terminal de 10% ao ano, viés, porém, condicionado ao teor da ata do Copom, a ser divulgada nessa terça-feira (14). “É um cenário em que há elementos para maior conservadorismo”.

Já o economista-chefe da Quantitas, Ivo Chermont, admite mais um corte de 0,25 p.p., mas com o juro básico atingindo, ao final do ciclo de cortes, a 10,25% ao ano, nível que poderá, segundo ele, beirar os 10,50% ao ano, ao cabo de 2024.

Chermont visualiza uma atitude mais proativa do BC na

queda da Selic – com direito à desvalorização cambial e expectativas de inflação crescentes – que agiria ‘colado’ à redução das taxas pelo Federal Reserve (Fed), o bc ianque.

“Se isso se confirmar e não acontecer nenhum sobressalto positivo no cenário internacional, teremos impacto no modelo do próprio BC”, conclui.

Controle da inflação estaria ‘sob risco’

A ‘docilidade’ da ala governista do Copom (Comitê de Política Monetária) aos ‘ditames perdulários’ do Planalto, expressa na redução, para 0,25 ponto percentual, do corte da Selic (taxa básica de juros) na semana passada – reeditando a subserviência do Banco Central (BC) ao governo da gestão de Alexandre Tombini à frente da autoridade monetária – poderá ‘condenar’ os cortes à magnitude mencionada, a re-

boque de um provável repique da inflação e de maior pressão cambial.

Tal avaliação de especialistas é de que a política monetária, mais afetada pelo front doméstico do que pelo externo, poderá implicar, inclusive, uma redução ainda menor da Selic nas próximas reuniões do colegiado. Neste aspecto, a fim de que se evite a impressão, junto ao mercado, de uma preocupação secundária ou,

até, irresponsabilidade com relação ao avanço inflacionário, o entendimento destes é de que a ‘minoria’ do Copom terá de explicitar, de forma convincente e lúcida, a motivação para o ‘freio’ da taxa básica.

Tal esclarecimento seria propício, tendo em vista a interrupção abrupta de uma sequência de seis cortes seguidos de meio ponto percentual (0,5 p.p.) na Selic, cuja redução pela metade já havia sido admitida

pelo presidente do BC, Roberto Campos Neto, ainda em meados de abril último, ante um cenário de ‘alta incerteza’, embora ‘sem mudanças significativas’. Foi dele o ‘voto de minerva’ que definiu o corte em 0,25 p.p.. Já a ala palaciana, pela redução da Selic em 0,5 p.p., atestou o alinhamento à diretriz petista, de incentivo ao consumo, por motivações eleitoreiras, ante o pleito municipal no final de 2024. (M.S.)

Aumenta a lucratividade dos bancos

Por Júlia Moura (Folhapress)

Com a inadimplência sob controle e o aumento na concessão de crédito, a lucratividade dos maiores bancos do Brasil cresceu no primeiro trimestre de 2024.

Banco do Brasil, Bradesco, Itaú e Santander, as quatro maiores instituições brasileiras, apresentaram resultados melhores que o esperado pelo mercado e, agora, analistas projetam dividendos maiores.

“Bancos devem liderar o pagamento de dividendos na Bolsa este ano, principalmente BB e Itaú”, diz José Daronco, analista CNPI da Suno Research.

O setor financeiro é um dos maiores pagadores de proventos entre as empresas listadas na Bolsa de Valores.

Nos últimos anos, porém, a alta inadimplência pós-pandemia minou a remuneração.



Inadimplência menor facilita pagamento de dividendos

Na média do sistema financeiro nacional, o pico de contas em atraso, de 3,50%, foi em junho de 2023. Desde então, cai 0,10 ponto percentual por trimestre, finalizando março em 3,20%.

Já a concessão de empréstimos dos quatro maiores bancos

aumentou na comparação com o primeiro trimestre de 2023.

“Vimos o pico da inadimplência no final do ano passado. A massa salarial cresceu, e o desemprego e a inflação caíram”, diz Daronco.

A recente mudança na perspectiva macroeconômica

Parceria visa recuperar a Mata Atlântica

Por Luana Franzão (Folhapress)

A re.green, empresa brasileira que tem Arminio Fraga e João Moreira Salles entre os acionistas, firmou parceria com a Microsoft para a entrega de cerca de 3 milhões de toneladas de créditos de carbono a partir da restauração de áreas da Mata Atlântica brasileira.

Segundo a companhia, serão 16 mil hectares de vegetação restaurada com espécies

nativas do bioma, ao longo de 15 anos. O valor investido pela Microsoft na transação não foi divulgado.

Metade das terras necessárias para a empreitada já foi adquirida pela re.green, no sul da Bahia e no Maranhão, perto da fronteira com o Pará. Nelas, as atividades de restauração já começaram.

Lançada em 2022, a “climate tech” -empresa de tecnologia que busca soluções para as

mudanças climáticas- juntou um investimento de R\$ 385 milhões, mirando entregar 1 milhão de hectares restaurados nos próximos 20 anos. Sozinha, a meta da re.green cumpriria cerca de 10% do objetivo oficial do Brasil, que almeja reflorestar 12 milhões de hectares até 2030.

Os créditos de carbono são uma representação monetária da redução de CO2 da atmosfera. A certificação permite que o

comprador compense os gases de efeito estufa que emitiu ao longo de um período.

A re.green está atrás de compradores dos chamados créditos de carbono de “alta qualidade”. Nos últimos anos, o setor passou por turbulências com problemas na credibilidade do mercado de carbono: baixa diversidade de espécies empregadas na recuperação e aumento do desmatamento em regiões de reflorestamento são exemplos.